

DISPERSÕES EM DERIVAS

DRIFT DISPERSIONS

Agda Carvalho/CEUM- IMT

Cleomar Rocha/ UFG

RESUMO

Os conceitos de dispersão e derivas marcam os eixos de discussão do artigo, a partir de um diálogo transversal baseado na obra de Cora Coralina e em sua cidade, a Goiás. As derivações trazidas nos textos da poetisa, bem como o percurso desses textos, em desdobramentos que a fizeram conhecida por todo o mundo, encontram ressonância em experimentos artísticos, vídeos, fotos e performances, conduzidas par e passo às obras de referência, observando os conceitos eleitos. Metodologicamente, o aporte indutivo tornou-se alicerce para a análise experimental, culminando na produção referenciada, portanto transversal, que reúne literatura e artes visuais, em obras de formatos contemporâneos, como a própria criação coralina. Conclui-se pela atualidade dos versos e prosa da autora, agora lidos por um viés de um novo normal, ainda atemporal, dinâmico, disperso e em deriva.

PALAVRAS-CHAVE

Derivas; Dispersões; Cora Coralina.

ABSTRACT

The concepts of dispersion and drift mark the discussion axes of this article, based on a transversal dialogue with the work of Cora Coralina and in her city, Goiás. The derivations brought in the texts of the poet, as well as the route of these texts, in developments that made her known all over the world, find resonance in artistic experiments, videos, photos and performances, conducted step by step to the reference works, observing the chosen concepts. Methodologically, the inductive contribution became the foundation for the experimental analysis, culminating in the referenced production, therefore transversal, that brings together literature and

visual arts, in works of contemporary formats, such as the coraline creation itself. It concludes by the timeliness of the author's verses and prose, now read by a new normal bias, still timeless, dynamic, dispersed and drifting.

KEYWORDS

Drifts, Dispersions, Cora Coralina

Apresentação

O artigo trata de derivas como um caminhar sem plano, sem destino, que parte da exploração de espaços presenciais e remotos, guiados pela lógica abduativa e, nesta perambulação/ investigação, se depara com o acontecimento, formando experiências. Parte-se da teoria da deriva, de Debord (1958), que se refere ao acaso, a deriva em pequenos grupos, a exploração e a desorientação pessoal no reconhecimento do espaço. Mas esta experiência é ampliada com o vivenciar e perceber nos rastros e nas minúcias, a complexidade cotidiana de uma cidade pela deriva presencial e remota. As distintas situações de derivas resultaram em proposições artísticas, que estabeleceram diálogos transversais com os versos da poetisa Cora Coralina (1889-1985). O relato dá conta da experiência da deriva que teve início em 2019, na cidade de Goiás, período de absorção das inquietações e memórias de um contexto social e político, assim como, do envolvimento com as tramas históricas e subjetivas dos becos, posteriormente teve continuidade com a deriva remota, em decorrência da COVID-19, no primeiro semestre de 2020.¹

Cada deriva acontece com o levantamento de dados, desde a captação de imagens e de acontecimentos aparentemente banais, a vivência e o envolvimento com o cotidiano, a partir de registros fotográficos e videográficos, entrevistas e a navegação em mapas e websites disponíveis pela Internet. A investigação atravessa os diferentes espaços e reconhece a essência de Cora Coralina nos cantos inusitados, nos detalhes singulares e no entrelaçamento dos vestígios de um tempo que guarda as histórias contadas e situações experienciadas. Deste modo surgem as narrativas multilíneas com as derivas que se desdobram em derivações e dispersões.

As derivas e a captação de imagens nos becos da cidade tiveram como primeiro desdobramento o vídeo *Compendium*² (2019). A partir da percepção das circunstâncias e particularidades de um tempo, por meio da sobreposição das imagens que foram capturadas em um caminhar apressado entre os diversos becos, construiu-se uma proposta de conexões impossíveis dos trajetos. O resultado faz transbordar subjetividades e afetividades, impregnadas na história de um lugar.

As perambulações na cidade de Goiás identificam as normas de sociabilidade, desencadeadas na performance *ENTREbecos*³ (2019). A ação trata da discussão das imposições de regras de comportamento, que foram amenizadas ou camufladas com o tempo, uma herança do período colonial brasileiro.

As derivações das ações e das palavras de Cora desdobram-se na proposição *INVERSOS* (2019), uma série de imagens digitais, em que situações narrativas desenbocam em uma sequência de atitudes de um casal, elegantemente em trajes de época, na Praça do Coreto e nos becos da cidade de Goiás. Por meio do encadeamento de gestos e de ações, a performance ativa a memória ao apresentar uma reflexão dos comportamentos e situações que foram veladas no tempo, e agora estão em uma narrativa invertida, que não se curva às normas e imposições sociais.

A pesquisa tem continuidade e adentra a pandemia, no primeiro semestre de 2020, quando surge a série *Eu no oco do Mundo*, abordando a condição da clausura, a vivência e experiência do confinamento, bem como outras leituras da deriva remota. O resultado é o acúmulo de pequenas narrativas aparentemente sem sentido e com a ausência de linearidade. Com a clausura, se observa a sequência de histórias em infindáveis janelas, que proliferam continuamente: são transbordamentos.

O mundo percebido e sinalizado nas palavras de Cora apresenta a trama social e cultural de um passado que tenta camuflar os excludentes do período. Este comportamento não está somente relacionado com a cidade de Goiás e/ou com aquela cultura, mas prolonga-se e ainda resiste em outros lugares. O questionamento das regras de sociabilidade são proposições que remetem a uma inversão da posição social, tidas em um resgate do design do vestir e a interação social, que caracterizam um olhar crítico e atento às situações e comportamentos, sinalizadas nos poemas de Cora Coralina. Talvez devessem, como regras, permanecer no passado. As imagens digitais apresentam uma narrativa do desejo de um ambiente sem regras, sem violência e sem preconceitos, uma utopia criativa. Na deriva remota, em tempos de pandemia, identifica-se que os excludentes estão em suas janelas observando o mundo, a partir de seus confinamento, enquanto escutam números infindáveis de vítimas, entre elas os excluídos socialmente. As notícias indicam um mantra que causa desolação e invade o espaço íntimo, deste modo, interfere na percepção do tempo e na compreensão do espaço ao tornar emergentes as dispersões dos sentidos.

Derivas

Para Gilles Ivain (1953 *apud* Careri, 2012), a deriva buscava a experimentação da cidade ao habitá-la, e desde modo, conviver com a diversidade de comportamentos. Em 1958, Guy Debord publica, na Revista Internacional Situacionista, a Teoria da Deriva, ao propor o entendimento do comportamento e do espaço no deslocamento, ou seja, com o reconhecimento das especificidades do lugar e suas relações.

Uma ou várias pessoas que se lançam à deriva renunciam, durante um tempo mais ou menos longo, os motivos para deslocar-se ou atuar normalmente em suas relações, trabalhos e entretenimentos próprios de si, para deixar-se levar pelas solicitações do terreno e os encontros que a ele corresponde. (DEBORD,2006)

Com as várias derivas despertadas por Cora, emergem histórias e a percepção dos emblemáticos becos com a busca dos fenômenos por meio da sensação de perder-se nos distintos espaços da cidade de Goiás, e embrenhar-se no cotidiano para, então, compreender as sutilezas que estão nos cantos e sussuros da cidade.

O sentir é esta comunicação vital com o mundo que o torna presente para nós como lugar familiar de nossa vida. E a ele que o objeto percebido e o sujeito que percebe devem sua espessura. Ele é o tecido intencional que o esforço de conhecimento procurará decompor (MERLEAU-PONTY, 1999, p.84).

Esta vivência intensa teve como um dos resultados o vídeo *Compendium* (Figura 1). Este trabalho é uma compilação dos trajetos apontados por Cora Coralina, a narrativa apresenta a busca de indícios de um tempo experienciado nos becos da cidade.

A proposta traz elementos que dialogam com as pistas que são apontadas por Cora Coralina. Entre muros e paredes estão os becos, e nestes espaços, proliferam acontecimentos e histórias diversas. As imagens se referem aos vestígios das histórias, já que os becos de Goiás, inicialmente, eram utilizados como passagens, e posteriormente acolheram ocupantes diversos que eram apartados da vida social, como o próprio espaço do beco.



Figura 1. Agda Carvalho e Edilson Ferri, Compendium, 2019. Frame do vídeo .Disponível em < <https://youtu.be/MsdaYNj6wP4>> Acesso em 20 de julho de 2020.

(...)Conto a estória dos becos,
Dos becos da minha terra,
Suspeitos...mal afamados
Onde família de conceito não passava
"Lugar de gentinha" – diziam, virando a cara.
De gente do pote d'água.
De gente de pé no chão
Becos de mulher Perdida.
Becos de mulheres da vida.
Renegadas, confinadas
na sombra triste do beco.
Quarto de porta e janela.
Prostituta anemiada,
Solitaria, hética, engalicada,
Tossindo, escarrando sangue
na umidade suja do beco.
(CORALINA, 1993, p.93-94)

Tratam-se dos espaços de confinamento para muitas histórias potentes. A edição elabora a conexão de percursos improváveis das imagens captadas dos becos, e assim, provoca uma sensação de continuidade, conectando o dia e a noite, ou seja, a sobreposição de histórias em um cotidiano que se repete continuamente. O som resulta do caminhar apressado e da respiração ofegante durante o deslocamento. O caminho irregular dos becos apresenta a condição de instabilidade e de tensão da deriva.

(...) Becos da minha terra...
Becos de assombração.
Românticos, pecaminosos...
Têm poesia e têm drama.
O drama da mulher da vida, antiga,
humilhada, malsinada
Meretriz venérea.
Desprezada, mesentérica, enxague.
Cabeça raspada à navalha,
castigada a palmatória
capinando o largo,
chorando, Golgando sangue.
(CORALINA, 1993, p.95)

O vídeo *Compendium* foi apresentado em projeção no interior do Museu das Bandeiras e na fachada do Museu de Arte Sacra da Boa Morte, na cidade de Goiás, em 2019. É importante destacar que estes conjuntos arquitetônicos foram tombados pela Unesco como Patrimônio Histórico da Humanidade. A experiência da projeção nestes espaços são potencializadas ao lidarem com o dentro e fora. São resultados distintos da exposição da deriva em diálogo com a cidade, A primeira experiência de projeção foi no interior do Museu das Bandeiras, espaço da antiga Casa da Câmara e Cadeia da Província de Goyas até 1937, uma edificação construída entre 1761 e 1766 (DAÚDE, MARQUES, 2013). Neste caso, os becos foram trazidos para dentro do espaço do confinamento e dialogaram com a textura da parede de uma das celas, como mostra a visão panorâmica do espaço expositivo, no canto direito. (Figura 2)

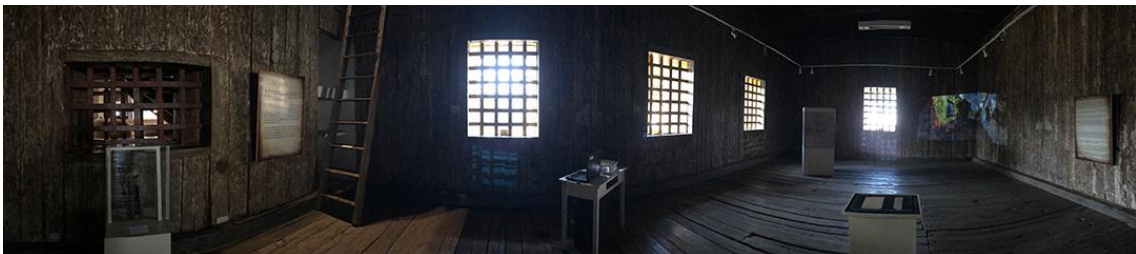


Figura 2. Agda Carvalho e Edilson Ferri, *Compendium*, 2019. Interior do espaço expositivo no Museu das Bandeiras. Cidade de Goiás (GO). Foto: Agda Carvalho.

A projeção na área externa do Museu de Arte Sacra da Boa Morte permite a exposição e visualização dos becos de vários pontos da cidade. Com a deriva, os mesmos becos que, de certa forma, permanecem escondidos e camuflados na cidade, estão evidenciados (Figura 3).



Figura 3. Agda Carvalho e Edilson Ferri. Compendium, 2019. Projeção na entrada principal do Museu de Arte Sacra da Boa Morte. Cidade de Goiás (GO). Foto: Agda Carvalho.

Outra provocação/ação oriunda das derivas foi a performance *ENTREBecos*. A Praça do Coreto foi selecionada para esta intervenção, pois no passado foi um dos espaços da hegemonia de um grupo, um dos lugares ocupados para desfilar uma aparência feminina. Esse caminhar desenhava um trajeto em círculo, com uma exposição somente permitida para as mulheres com posições sociais, um passeio para poucos. A proposição dialoga com as inquietações de Coralina (1993, p. 153).

(...) Combatendo a mim própria
Procuro conjugar estranha sensação
de ser e de não ser...
Afro, lusitano e bugre
-sou herança hesitante de vós três.

A ação performática faz referência a uma sala de estar, só que do lado de fora. A mesma praça que não era permitida para todos no passado é, na performance, uma inversão: é concebida como uma sala de visitas aberta a todos os transeuntes. Uma mesa e duas cadeiras brancas explicitam a assepsia da cena, uma louça e um chá de

hibisco, o vermelho da bebida delicadamente servida para os passantes, sem restrição para os possíveis convidados. A ação tem início com um delicado e elegante convite de um caminhante qualquer para tomar um chá. E na sequência a pergunta: De quem você cuida? A mulher permanece sentada e servindo o convidado que aceita o chá, e o homem, seu companheiro, permanece em pé, ao lado da mulher, observando a conversa. A proposta indaga sobre o reconhecimento e resgate do seu lugar na cidade, se for um morador, e da sua relação com o mundo. É curioso que, muitos dos participantes, no final do século XIX e início do XX seriam, de certa forma, imperceptíveis ou até invisíveis, e agora apresentam a vontade de estar no mundo e provocam, a partir da exposição dos atributos físicos e subjetivos, aspectos do modo de um viver de uma localidade, e assim despertam cognições durante a interação (Figura 4).

O espectro social da experiência engloba o ser social e as perspectivas socialmente praticadas, culturalmente apreendidas e validadas. A experiência individual constitui-se pelo processo de subjetivação, como quê dimensionando a densidade da experiência, e não exatamente sua qualidade. Enquanto qualidade, definida pelo lastro social, cultural, as experiências podem ser variadas, indo desde a experiência intelectual, emocional e afetiva, até a estética, sem que uma seja necessariamente de maior relevância que outra, na dimensão individual, subjetiva (ROCHA, BANDEIRA, 2016, p.448).



Figura 4. Agda Carvalho e Edilson Ferri. Performance: ENTREbecos, Praça do Coreto - Cidade de Goiás, (GO), 2019. Foto: Edilson Ferri.

O design do vestir - elabora um vestível com detalhes que dialogam com as normas do passado – mostra-se entrelaçado com as minúcias circunstanciais de um contexto. A proposta do design do vestir tem como objetivo compor uma situação com indícios de elementos de um tempo com regras mais rígidas de sociabilidade. As peças são totalmente brancas, com a pesquisa de processos de modelagem e confecção. O vermelho presente nas luvas da mulher e na gravata do homem faz uma referência as pressões sociais, à violência e injustiças de um período.

Derivações / Repetições

A performance converte-se em uma série de imagens digitais denominadas *IN VERSOS*, que enfatiza a repetição de cenas captadas durante e após a realização da performance *ENTREbecos*. São ecos da ação / ocupação nos espaços relatados por Cora. Na praça do Coreto e nos becos, as narrativas foram elaboradas como um desejo de resistência da feminilidade e liberdade. Uma vontade que não se curva às imposições, mas enfrenta as histórias que emanam dos becos (Figura 5 e 6).



Figura 5. Agda Carvalho e Edilson Ferri, *IN VERSOS*, 2019. Imagens digitais.

Um fenômeno desencadeia um outro não por uma eficácia objetiva, como a que une os acontecimentos da natureza, mas pelo sentido que ele oferece — há uma razão de ser que orienta o fluxo dos fenômenos sem estar explicitamente posta em nenhum deles, um tipo de razão operante (MERLEAU- PONTY,1999, p. 80).

Nos trabalhos a percepção da inversão do cotidiano é apresentada com o vestir e com a ocupação da Praça do Coreto da cidade de Goiás. Esta condição anuncia a transgressão do comportamento por meio da experimentação de um espaço não permitido para todos no passado. Esse desdobramento discute as normas de sociabilidade com imposições e regras de comportamento que foram amenizadas ou camufladas pelo tempo.

Os becos são atravessados por histórias de mulheres que estão à mercê das normas de sociabilidade de um tempo, espaços delimitados para transeuntes não privilegiados pelo contexto social, e que ali resistem e transitam, ou melhor, vivem à margem, mas são continuamente observados e ao mesmo tempo, observam a sociedade dominante (CARVALHO, 2019, p.2659).

A sequência de imagens do casal no beco apresenta os espaços da fugacidade, dos sonhos, dos horrores e dos amores. Há a sugestão de um canto, um momento em que os vestígios destes instantes estão impregnados nos lugares. (Figura 6)



Figura 6. Agda Carvalho e Edilson Ferri, IN versos, 2019. Imagens digitais. Fotos: Agda Carvalho e Edilson Ferri.

Os trabalhos visam a despertar um olhar crítico sobre a condição de invisibilidade de algumas pessoas, sobre o cuidar do outro, os desejos que são minimizados em prol de um comportamento. Os espaços não demarcam os limites e regras do mesmo modo, pois as fronteiras agora são difusas, ainda que existam, e muitas vezes apresentam sua presença dilacerante, impregnado que está, do passado.

Dispersões

Com o confinamento em função da Covid 19, no primeiro semestre de 2020, nos deparamos com o distanciamento social, a repentina sensação de um beco sem saída, uma condição que ocasiona a oscilação de sentidos e a diversidade de significados. Mesmo em um cenário inusitado, e de certa forma imprevisível, com a expectativa de um novo normal, a experiência da deriva acontece, e busca fendas possíveis para a manifestação poética. Como aponta Jacques (2012, p.11 e 12):

Através das experiências urbanas realizadas por alguns errantes, pretendemos mostrar que a experiência não é totalmente destruída, mesmo nas condições mais inóspitas, que ela resiste pelas brechas e desvios e, assim, sobrevive quando compartilhada em narrativas urbanas. O estudo de algumas narrativas errantes nos leva a pequenas resistências e insurgências da experiência urbana, muitas vezes invisíveis, escondidas, e, em particular, à experiência da alteridade na cidade.

A ideia da Clausura redireciona a percepção de detalhes, o entendimento do cotidiano e a experimentação do espaço íntimo. Outra situação do dentro para fora é a observação de um cenário pelo enquadramento das janelas e a deriva remota, tão peculiares em Goiás quanto nos textos coralinos.

São derivas que partem das inquietações do universo íntimo, ainda no cotidiano, mas agora com as dispersões ocasionadas pelos acontecimentos que eclodem continuamente e, na essência da intimidade, esperam e dão a experimentar sensações contrastantes, como um atordoamento com os infinitos fatos e números. Um dos primeiros trabalhos do período do confinamento foi *Eu no oco do mundo*. Essa proposta dispara uma série de experimentos elaborados na condição da clausura. O trabalho apresenta uma sequência de palavras que despencam na frente da artista. O olho faz um movimento circular e observa as várias palavras que



Figura 8. Agda Carvalho, Clausura, CONTANDO ATÉ 10 - o poder do silêncio – performance colaborativa on-line. pandemia COVID-19, 2020. Instagram @ clarissa__ribeiro #Repost Agda Carvalho @agdar.carvalho. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CBLZmr3lcFT/>> Acesso em 14 de junho de 2020.

Considerações Finais

A atividade artística é um permanente estado de derivação. A fixação, se existe, está no plano da existência da obra, embora ela mesma se abra à múltipla interpretação, na polifonia que caracteriza a licença poética e, de igual modo, a liberdade interpretativa. Nisso consistem as dobras e desdobramentos da obra artística, quer literária, quer em artes visuais. De modo similar se pode descrever as dispersões e derivações tidas entre os contextos do mundo natural e do mundo cultural. Se biosfera e semiosfera, se físico e imaterial, os rótulos importam menos que os conceitos e as articulações entre o fazer da cultura que molda os espaços físicos do mundo natural e o próprio mundo natural, que molda a cultura a partir de suas premências que impactam nosso corpo e nossa mente.

Nesses encontros consolidam-se as experiências, comuns e singulares, fundantes e plurais, a partir das quais surgem os lampejos da escrita no mundo e da leitura das coisas do mundo.

Com estas derivas presenciais e remotas, iniciadas nos becos coralinos, na concretude presencial da cidade de Goiás, e a continuidade remotamente, enfrentamos um tipo de beco sem saída das sensações, e é este que estimula a resistência e o olhar para o outro, que trava batalhas na cidade, que transborda em transgressões com os excluídos, mesmo em tempo de pandemia. Identificamos que o novo normal elabora suas histórias peculiares, atemporais e situadas em todos os lugares.

Novamente nos deparamos com a sequência de horrores e de amores nestes vários espaços de confinamento, bem como a rejeição e a não aceitação desta nova condição. As derivas ainda podem ser remotas e as janelas digitais auxiliam, virtualmente, neste comportamento como um mundo possível, pois as aberturas e relações são infinitas e, nesta questão de entendimento da sociabilidade, tentamos dar nova semântica às tantas histórias e suas dispersões. Estamos, eternamente, em derivas.

Notas

¹ Os trabalhos resultam da investigação teórica e prática de pós doutorado no Media Lab – UFG -- em Humanidades Digitais, sob a supervisão do Prof. Dr. Cleomar Rocha, iniciado em final de 2018, com o tema Deambulações: Vejo aquilo que escuto e escuto aquilo que vejo. Esta pesquisa trata de experiência da deambulação motivadas pelo resgate da memória, da vivência e da experimentação de questões circunstanciais e subjetivas de um contexto geográfico e social. Enfoca-se, neste trabalho teórico-prático o reconhecimento do espaço, das histórias da cidade de Goiás, pela captura dos detalhes e da essência de um viver, apresentada nos poemas de Cora Coralina Poemas dos becos de Goiás e estórias mais de 1965.

² COMPENDIUM. 2019. Vídeo de Agda Carvalho e Edilson Ferri. Foi exposto no Museu das Bandeiras Goiás (GO) Setembro 2019. Projeção na área externa do Museu de Arte Sacra da Boa Morte – Cidade de Goiás (GO) Evento paralelo ao 28o ANPAP - Encontro Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas, 2019.

³ Performance ENTREbecos. Criação, Agda Carvalho e Edilson Ferri, Intérpretes: Gabriela Sanches e Flausino Oliveira da Silva. Pesquisa do design do vestir: Agda Carvalho e Ana Paula Mendonça Alves / Desenvolvimento e confecção das vestes: Ana Paula Mendonça Alves. Local: Praça do Coreto. Setembro 2019. Produção: Preta Sanches

⁴ CONTANDO ATÉ 10 - o poder do silêncio – performance colaborativa on-line. pandemia COVID-19,2020 -- Dois mil e vinte. Diante da pandemia da COVID-19, estivemos em quarentena por meses em todo o planeta. Muitos estão prestes a perder o controle. Acredito que, mais que seguir com as conversas online e transmissões ao vivo, precisamos parar, valorizar o silêncio e a reflexão, reavaliar nossas ações, comportamentos, convicções. O silêncio pode ser uma mensagem poderosa. Uma chamada para parar. Enfrentar os espelhos das mídias sociais para lembrarmos-nos que é urgente frear a destruição que causamos nos mais diversos contextos, ambientes, escalas. Nós, humanos, acreditamos que contar até 10 ajuda a acalmar para avaliar e confrontar as situações mais desafiadoras. O número de dedos nas

nossas mãos de primatas - dez -, quão maravilhosamente primitivas são as bases matemáticas do nosso mundo tecnológico. Contar até 10 pode ser uma maneira eficaz de desarmar a raiva, para agir com consciência e atingir os objetivos de nossas lutas.

Referências

CARERI, Francesco. **Walkscapes**. O caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

CARVALHO, Agda. Percursos possíveis nos espaços da diversidade, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. **Anais** [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2654-2662.

_____. A Deambulação nos espaços de Cora e nos espaços em processo. In: **Anales** del VI Simpósio Internacional de Innovación en Medios Interactivos. Mutaciones. ROCHA, Cleomar; GROISMAN, Martin (Orgs). Buenos Aires: Media Lab / Universidad de Buenos Aires, 2019.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: Global, 1993.

DAÚDE, Rodrigo Bastos; MARQUES, Juan Bernardino **O Museu das Bandeiras da Cidade de Goiás** - Brasil: Espaços não formais na educação em Ciências In: **Anais** do IX CONGRESO INTERNACIONAL SOBRE INVESTIGACIÓN EN DIDÁCTICA DE LAS CIENCIAS, Girona, 2013. Disponível em: <https://ddd.uab.cat/pub/edlc/edlc_a2013nExtra/edlc_a2013nExtrap957.pdf> Acesso em 14 de junho de 2020.

DEBORD, Guy. **Teoria da Deriva**. Disponível em: <<https://bibliotecaanarquista.org/library/guy-debord-teoria-da-deriva>> Acesso em 14 de junho de 2020.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos Errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7894/3/Elogio_aos_Errantes_RI.pdf> Acesso em 14 de junho de 2020.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ROCHA, Cleomar, BANDEIRA, Wagner. Design de experiência em contexto transmídia In: **Anais** dos 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia. Brasília, UNB, 2016. p.445 - 449. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/779/o/cleomar_e_wagner.pdf Acesso em 14 de junho de 2020.

Agda Carvalho

Artista Visual. Pós-Doutora em Artes pelo Instituto de Artes da UNESP. Doutora em Ciências da Comunicação ECA-USP. Mestre em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UNESP. Atualmente está em estágio pós doutoral no Media Lab – UFG em Humanidades Digitais. É docente e pesquisadora do curso de Design do Instituto Mauá de Tecnologia e da Especialização em Estética e Gestão de Moda na ECA USP. Integrou a Diretoria da ANPAP (2017-2018). Integra o Grupo de Pesquisa - GIIP: Grupo Internacional e Interinstitucional de Pesquisa em Convergências entre Arte, Ciência e Tecnologia do Instituto de Artes da Unesp.

Cleomar Rocha

Pós-doutor em Poéticas Interdisciplinares (UFRJ), Estudos Culturais (UFRJ), e em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (PUC-SP), doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA), Mestre em Arte e Tecnologia da Imagem (UnB) e Licenciado em Letras (FECLIP). Professor do Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual, Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás. Coordenador do Laboratório de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação em Mídias Interativas da UFG (Media Lab / UFG). Artista pesquisador com projetos/pesquisas em design de interfaces, mídias interativas, interfaces computacionais e arte tecnológica. Pesquisador Produtividade do CNPq. Secretário Municipal de Ciência, Tecnologia e Inovação de Aparecida de Goiânia – GO.